



Curso de Bacharelado em Psicologia

Lucas Oliveira Mendes

QUANDO O FUTURO SE CALA: DESOCUPAÇÃO JUVENIL,
SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA E A FRATURA DO ENCONTRO
INTERSUBJETIVO NO BRASIL

São Paulo/SP

2026



Lucas Oliveira Mendes

**QUANDO O FUTURO SE CALA: DESOCUPAÇÃO JUVENIL,
SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA E A FRATURA DO ENCONTRO
INTERSUBJETIVO NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
UniBTA como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador: Marco Aurelio Martino

São Paulo/SP

2026

RESUMO

Este trabalho investiga o sofrimento psíquico e a prevalência de sintomatologia depressiva em adultos jovens brasileiros de 18 a 29 anos a partir dos microdados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), analisando a correlação empírica entre a desocupação juvenil e o adoecimento afetivo sob o prisma da Análise Existencial de Viktor Frankl e da Fenomenologia da Alteridade de Antonio De Luca. Foram selecionados 17.158 jovens que responderam integralmente ao módulo de saúde mental da PNS, utilizando o escore padronizado do Patient Health Questionnaire (PHQ-9 ≥ 10) para identificar quadros depressivos moderados a graves. A prevalência de depressão clinicamente relevante atingiu 12,41% entre os jovens desocupados e fora da escola, contra 6,12% entre aqueles ocupados ou matriculados no ensino regular ($p < 0,001$). A associação manteve-se estatisticamente consistente após regressão logística multivariada com ajuste por renda domiciliar per capita, sexo, escolaridade, cor ou raça e macrorregião geográfica (OR = 1,91; IC 95% 1,62–2,25). O resultado evidencia que a vulnerabilidade juvenil ao adoecimento anímico não se reduz à carência de rendimentos pecuniários, encontrando sustentação na conceituação frankliana da neurose de desemprego e da frustração existencial: a perda de um papel produtivo e comunitário mina a vontade de sentido e precipita a falsa identificação entre inatividade e nulidade vital. Em paralelo, a fenomenologia de Antonio De Luca demonstra como a burocratização das relações sociais e o colapso da alteridade privam o jovem do encontro intersubjetivo autêntico, deflagrando o sofrimento do não acontecimento (*dolore del non accadimento*). Reconhecem-se as limitações inerentes ao desenho transversal da pesquisa e propõe-se uma intervenção psicológica reumanizada, alicerçada na autotranscendência, no acolhimento ético do outro e na reconstrução da ecologia das relações.

Palavras-chave: Desocupação juvenil. Sintomatologia depressiva. Vazio existencial. Alteridade. Logoterapia. Pesquisa Nacional de Saúde.

ABSTRACT

This study investigates psychological suffering and the prevalence of depressive symptomatology among Brazilian young adults aged 18 to 29 years based on microdata from the Brazilian National Health Survey (PNS), analyzing the empirical correlation between youth unemployment and affective disorders through Viktor Frankl's Existential Analysis and Antonio De Luca's Phenomenology of Otherness. A total of 17,158 young adults who completed the PNS mental health module were evaluated, employing the standardized Patient Health Questionnaire (PHQ-9 ≥ 10) to identify moderate-to-severe depressive symptoms. The prevalence of clinically relevant depression reached 12.41% among disconnected youth (neither employed nor studying), compared to 6.12% among employed or enrolled youth ($p < 0.001$). This association remained robust after multivariable logistic regression adjusted for household per capita income, sex, education, race, and geographic region (OR = 1.91; 95% CI 1.62–2.25). The finding indicates that youth vulnerability to psychic suffering cannot be reduced to financial deprivation alone, finding theoretical support in Frankl's construct of unemployment neurosis and existential frustration: the loss of a productive social role erodes the will to meaning, leading to an unconscious equation between inactivity and existential uselessness. Simultaneously, Antonio De Luca's phenomenology shows how the bureaucratization of human bonds and the loss of otherness deprive young individuals of authentic dialogical encounters, sparking the pain of non-occurrence (*dolore del non accadimento*). The cross-sectional limits of the survey are acknowledged, pointing toward a rehumanized psychological practice founded upon self-transcendence, ethical dialogue, and the restoration of relational ecology.

Keywords: Youth unemployment. Depressive symptoms. Existential vacuum. Otherness. Logotherapy. National Health Survey.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. A VONTADE DE SENTIDO, O VAZIO EXISTENCIAL E A NEUROSE NOOGÊNICA	8
3. A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE E A ECOLOGIA DAS RELAÇÕES: ENCONTRO E SOFRIMENTO.....	10
4. DETERMINANTES EPIDEMIOLÓGICOS E A VULNERABILIDADE DA JUVENTUDE NO BRASIL.....	11
5. METODOLOGIA.....	13
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
6.1. Resultados.....	16
6.2. Discussão.....	18
6.2.1 Do determinismo econômico à perda de propósito: a neurose de desemprego.....	18
6.2.2. A solidão na era digital e o colapso da alteridade.....	19
6.2.3 Síntese das tensões interpretativas e implicações clínicas.....	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	23

1. INTRODUÇÃO

O cenário psicossocial e epidemiológico do século XXI expõe um paradoxo estrutural no desenvolvimento humano: ao mesmo tempo em que as sociedades contemporâneas expandiram seus aparatos tecnoeconômicos e o acesso ao consumo material, registraram uma elevação contínua na incidência de transtornos depressivos, ansiedade generalizada e comportamentos autodestrutivos, com repercussão desproporcional sobre a população jovem. Relatórios globais da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que os episódios depressivos e as condutas autolesivas figuram entre as principais causas de incapacidade funcional e anos de vida perdidos ajustados por incapacidade (DALYs) na faixa etária de 15 a 29 anos, cenário agravado em países em desenvolvimento como o Brasil por desigualdades estruturais e pela precarização crônica das transições para a vida adulta. Contudo, a apreensão dessa realidade empírica desafia os paradigmas estritamente organicistas ou comportamentais da Psicologia, exigindo uma integração teórica e epistemológica capaz de articular métricas epidemiológicas objetivas à vivência subjetiva do desamparo, da falta de perspectiva e da dissolução do sentido vital.

No campo da Psicologia e da Psiquiatria de base existencial, Viktor Emil Frankl demonstrou que a motivação básica humana não se esgota na gratificação pulsional do prazer nem na conquista de poder ou afirmação social, repousando primordialmente naquilo que denominou vontade de sentido. Para Frankl, quando as referências axiológicas tradicionais se desarticulam e o sujeito contemporâneo se vê desprovido de tarefas orientadas para a autotranscendência, instala-se o vazio existencial. Essa condição, manifestada clinicamente por uma sintomatologia de tédio, apatia, cinismo e perda de finalidade, atua como terreno fértil para o desencadeamento da chamada neurose noogênica ou para a exacerbação de manifestações psicogênicas e psicossomáticas. Mais especificamente, Frankl formulou a categoria clínica da neurose de desemprego, comprovando que a privação de um papel produtivo ou comunitário socialmente significativo gera um quadro depressivo derivado de uma falsa equivalência interior: a identificação inconsciente entre estar desocupado, ser inútil e levar uma vida despida de significado.

Paralelamente, a fenomenologia clínica contemporânea de Antonio De Luca aprofunda essa chave compreensiva ao postular que a integridade da saúde psíquica e a própria constituição ética do indivíduo estão indissociavelmente atreladas à qualidade do encontro intersubjetivo. Apoiando-se no pensamento dialógico de Martin Buber, Emmanuel Lévinas e Hannah Arendt, De Luca denuncia a progressiva burocratização das relações humanas, caracterizada pela perda da alteridade e pela transformação do semelhante em objeto de utilidade funcional ou instrumento descartável. Essa erosão do laço comunitário produz aquilo que o autor define como a ausência espiritual do outro e de si, instaurando uma solidão profunda, marcada pelo dor do não acontecimento (*dolore del non accadimento*) e pela ruptura da ecologia das relações, elementos centrais no desencadeamento de estados graves de sofrimento psíquico contemporâneo.

A relevância social e científica deste trabalho emerge da urgente necessidade de articular esses referenciais compreensivos aos dados da vigilância em saúde mental no Brasil. Inquéritos epidemiológicos de grande escala, como a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) conduzida pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde, oferecem amostras probabilísticas representativas que permitem mensurar sintomas depressivos por meio de escalas internacionalmente validadas, como o *Patient Health Questionnaire* (PHQ-9). Não obstante, tais inquéritos são habitualmente analisados sob prismas puramente econômicos ou sociológicos, negligenciando que o sofrimento psíquico do jovem brasileiro transcende a mera privação de renda, atingindo o plano do fechamento de horizontes de realização de valores e da desagregação do tecido relacional.

Diante deste quadro teórico-empírico, formula-se o problema que orienta a investigação: em que medida a condição de desocupação e desconexão social associa-se à prevalência de episódios depressivos em adultos jovens no Brasil, e como a Análise Existencial frankliana e a Fenomenologia da Alteridade permitem compreender esse sofrimento para além do determinismo puramente socioeconômico? A hipótese que norteia a pesquisa sustenta que a ausência de inserção ocupacional ou educacional ativa entre jovens de 18 a 29 anos associa-se a um risco substancialmente maior de sintomatologia depressiva clinicamente relevante, e que essa associação permanece sólida e estatisticamente significativa mesmo após o controle da renda familiar per capita, refutando a tese de que a depressão contemporânea seja mero reflexo mecânico da pobreza material e indicando a operação de determinantes noológicos e relacionais ligados à privação de sentido e ao isolamento interpessoal.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a associação entre a situação ocupacional e a prevalência de sintomas depressivos clinicamente relevantes em jovens brasileiros de 18 a 29 anos a partir dos microdados da PNS, discutindo esses resultados à luz da Análise Existencial de Viktor Frankl e da Fenomenologia da Alteridade de Antonio De Luca. Constituem objetivos específicos: estimar a prevalência bruta de sintomatologia depressiva ($\text{PHQ-9} \geq 10$) segundo a condição de ocupação do jovem; verificar se essa associação se mantém robusta após o controle por renda domiciliar per capita, sexo, escolaridade, cor ou raça e macrorregião geográfica; discutir a etiologia da neurose de desemprego e da frustração existencial na juventude desocupada; problematizar os efeitos da perda da alteridade e da burocratização das relações sociais sobre a vulnerabilidade psíquica; e examinar os limites e potencialidades da articulação metodológica entre o rastreio psicométrico populacional e a avaliação noológica existencial.

Este trabalho justifica-se, no campo da Psicologia, pela contribuição epistemológica e metodológica que oferece ao diálogo entre a rigorosa análise quantitativa de inquéritos populacionais e a tradição fenomenológico-existencial. Tal cruzamento resguarda a Psicologia da abstração filosófica desvinculada das condições concretas de vida da população brasileira, ao mesmo tempo em que a protege do reducionismo instrumental que despersonaliza o sujeito e silencia sua busca originária por sentido e alteridade. O trabalho organiza-se em três capítulos de fundamentação teórica, capítulo metodológico, apresentação detalhada de resultados empíricos e discussão articulada, seguidos das considerações finais.

2. A VONTADE DE SENTIDO, O VAZIO EXISTENCIAL E A NEUROSE NOOGÊNICA

A antropologia existencial desenvolvida por Viktor Emil Frankl rompe com os modelos deterministas e mecanicistas que concebem o psiquismo humano como um sistema fechado, voltado primordialmente à homeostase, à descarga pulsional ou ao rebaixamento de tensões intrapsíquicas. Ao fundar a Logoterapia e Análise Existencial, consagrada historicamente como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, Frankl delineia uma visão tridimensional ontológica do ser humano, composta pelas dimensões somática, psíquica e noética (ou espiritual). A dimensão noética não possui conotação religiosa ou mística em seu constructo conceitual; designa, antes, a esfera

especificamente humana na qual se localizam os fenômenos da autotranscendência, da autodistanciação, da consciência moral e da vontade de sentido.

Para Frankl, a vontade de sentido constitui a força motivacional primária e irreduzível da existência. Em oposição expressa ao princípio do prazer de Sigmund Freud e à vontade de poder formulada por Alfred Adler, o autor demonstra que tanto a busca desenfreada pelo prazer quanto a obsessão pelo prestígio e pelo poder são fenômenos substitutivos e compensatórios, os quais se instauram precisamente quando a orientação originária em direção ao sentido se encontra frustrada. Enquanto a motivação autêntica mantiver-se operante, o homem orienta-se intencionalmente para o mundo, dedicando-se a tarefas objetivas ou devotando-se ao encontro com outros seres humanos.

O homem é, em virtude de sua autotranscendência, um ser em busca de sentido. No fundo, é dominado por uma vontade de sentido. No entanto, hoje em dia essa vontade de sentido encontra-se em larga medida frustrada. São cada vez mais numerosos os pacientes que recorrem a nós, os psiquiatras, acometidos de um sentimento de vazio. Este sentimento de vazio tornou-se, em nossos dias, uma neurose de massa. Hoje o homem não sofre mais tanto, como nos tempos de Freud, de uma frustração sexual, mas sim de uma frustração existencial. (Frankl, 2015, p. 9).

A frustração da vontade de sentido conduz à vivência subjetiva do vazio existencial. A gênese desse fenômeno é compreendida por Frankl a partir de uma dupla perda evolutiva e histórica: diferentemente dos animais, o ser humano não dispõe de instintos biológicos que lhe prescrevam incondicionalmente o que precisa fazer; e, diferentemente das gerações pretéritas, o homem contemporâneo já não conta com o respaldo de tradições normativas universais que lhe indiquem com segurança o que deve ser. Desprovido de instintos reguladores e desprovido de tradições estáveis, o indivíduo contemporâneo precipita-se em duas atitudes defensivas opostas: o conformismo, no qual deseja realizar exclusivamente o que os outros fazem, e a vulnerabilidade ao totalitarismo, no qual se submete passivamente a executar o que instâncias de poder externas dele exigem.

Quando o vazio existencial se aprofunda e deságua em manifestações psicopatológicas, instaura-se o quadro da neurose noogênica. Diferente das neuroses psicogênicas clássicas, cujas raízes se ancoram em conflitos infantis inconscientes, recalques ou fixações libidinais, a neurose noogênica tem sua etiologia localizada na dimensão noológica da existência, decorrendo de colisões axiológicas, crises agudas de consciência e, sobretudo, do desespero interior frente à aparente ausência de significado

e direção vital. Investigações empíricas pioneiras e posteriores conduzidas por James C. Crumbaugh e Leonard T. Maholick com o *Purpose in Life Test* (PIL), bem como os estudos desenvolvidos por Elisabeth Lukas com o *Logo-Test*, revelaram que cerca de vinte por cento dos quadros neuróticos diagnosticados em amostras clínicas apresentam componente predominantemente noogênico.

No contexto da sociologia do trabalho e das crises societárias, Frankl formulou uma das mais fecundas categorias diagnósticas da análise existencial: a neurose de desemprego. Observando o impacto psíquico da inatividade forçada sobre populações vulneráveis, o autor desmistificou a presunção de que a sintomatologia depressiva associada ao desemprego derive exclusivamente da indigência financeira. Segundo sua leitura, o desemprego precipita uma grave patologia do tempo e da finalidade: privado de uma atividade produtiva valorizada pela comunidade, o sujeito passa a operar sob uma dupla identificação distorcida: equipara estar sem emprego a ser socialmente inútil, e equipara ser inútil a levar uma vida completamente destituída de sentido. Restaura-se a saúde psíquica quando o indivíduo é mobilizado a romper essa equação neurótica, encontrando em atividades voluntárias, educacionais ou comunitárias um campo fértil para a autotranscendência e a realização de valores.

3. A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE E A ECOLOGIA DAS RELAÇÕES: ENCONTRO E SOFRIMENTO

A compreensão integral do sofrimento existencial não se encerra na dinâmica intrapsíquica ou na autorrealização individual, exigindo a fundamentação fenomenológica da intersubjetividade. Na produção de Antonio De Luca, a clínica psicológica e a relação de ajuda encontram sua sustentação ontológica na alteridade radical, articulando as matrizes filosóficas de Edmund Husserl, Max Scheler, Martin Buber e Emmanuel Lévinas à reflexão ética e política de Hannah Arendt. Para De Luca, a pessoa humana só alcança a plenitude de sua consciência e o equilíbrio psíquico na medida em que se expõe ao encontro autêntico com o outro, sendo a intersubjetividade a condição transcendental da própria sanidade existencial.

De Luca diagnostica que a modernidade avançada operou uma corrosão sistemática do tecido dialógico mediante a burocratização das relações humanas. Inspirando-se nas análises arendtianas acerca da banalidade do mal e do esvaziamento

do pensamento reflexivo nas estruturas burocráticas modernas, o autor denuncia que os laços sociais contemporâneos foram progressivamente colonizados por imperativos técnicos de funcionalidade, produtividade e mercantilização utilitarista. Quando os indivíduos passam a enxergar seus semelhantes não como pessoas dotadas de dignidade incondicional, mas como meros instrumentos descartáveis para a satisfação de metas contingentes, dissolve-se a matriz ética da vida compartilhada.

A compreensão do bem e do mal passa necessariamente pela acolhida do outro. É com o outro que alcanço a compreensão do bem e do mal. Em algumas situações chegamos a 'burocratizar as relações', a perder assim o sentido de si e do outro e, portanto, o sentido do bem e do mal. O sofrimento que se cria no campo psicopatológico por estas razões deve ser considerado à luz da compreensão do bem e do mal, que advém através do outro. (De Luca, 2019, p. 25, tradução nossa).

Nesse cenário de alienação interpessoal, De Luca desenvolve os constructos da ausência espiritual do outro e de si e do sofrimento do não acontecimento (*dolore del non accadimento*). O sofrimento psicopatológico contemporâneo, longe de restringir-se a desequilíbrios nos circuitos de neurotransmissores cerebrais, enraíza-se frequentemente naquilo que não ocorreu: no encontro afetivo que foi abortado, na palavra de acolhimento que jamais foi pronunciada, na escuta que foi soterrada pela pressa burocrática e no cancelamento dos espaços de genuína partilha. O sujeito vê-se confinado a um horizonte de histórias suspensas do passado, gerando uma dor muda que se expressa clinicamente sob a forma de estados depressivos, apatia e retraimento social.

Como resposta terapêutica e preventiva a essa fragmentação do laço humano, De Luca formula o paradigma da ecologia das relações. A ecologia relacional postula que o ambiente intersubjetivo deve ser cultivado como um ecossistema ético e afetivo, no qual o profissional de ajuda atua despindo-se do papel de técnico asséptico para assumir a postura do encontro Eu-Tu, reconhecendo a vulnerabilidade compartilhada e devolvendo ao sujeito a experiência de ser olhado em sua irrepetível singularidade. Essa visada converge de forma harmônica com a premissa frankliana de que o sentido da vida só se revela na autotranscendência, seja pela criação de uma obra, seja pela vivência do amor autêntico, seja pela atitude digna diante do sofrimento inevitável.

4. DETERMINANTES EPIDEMIOLÓGICOS E A VULNERABILIDADE DA JUVENTUDE NO BRASIL

A articulação entre a reflexão fenomenológico-existencial e o campo da saúde pública exige a análise rigorosa dos determinantes sociais que incidem sobre a saúde mental da juventude brasileira. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde reiteram que a transição entre a adolescência tardia e a idade adulta jovem constitui uma das janelas de maior vulnerabilidade para o desencadeamento e a cronificação de transtornos depressivos maiores. No Brasil, essa fase de desenvolvimento é atravessada por disparidades históricas de renda, segregação territorial e instabilidade no mercado de trabalho, fatores que convertem a busca por autonomia em uma experiência crônica de desamparo.

Destaca-se, nesse panorama, o contingente de jovens denominados pela literatura sociológica e econômica como 'nem-nem', indivíduos que não trabalham e não estudam. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) demonstram que aproximadamente um quinto da população jovem brasileira encontra-se nessa condição de vulnerabilidade ocupacional e educacional. Embora as análises econométricas enfatizem com frequência as perdas salariais e a redução da produtividade nacional, a Psicologia identifica que o impacto mais deletério reside na destruição das rotinas estruturantes da identidade, no isolamento comunitário e na percepção de nulidade social.

A vigilância epidemiológica em saúde mental no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) enfrenta, contudo, o desafio de quantificar essas afecções em nível populacional. A inclusão do módulo de saúde mental na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), utilizando o instrumento psicométrico validado *Patient Health Questionnaire* (PHQ-9), representou marco histórico para o mapeamento da depressão no território nacional. Por meio desse inquérito, torna-se viável verificar em escala probabilística as correlações existentes entre a desocupação juvenil e a gravidade dos sintomas depressivos, submetendo à prova empírica as premissas formuladas pela tradição existencial sobre a patologia do tédio e do vazio.

Torna-se indispensável, todavia, adotar cautela epistemológica na interpretação desses dados epidemiológicos. A constatação de uma associação estatística entre desocupação e sintomatologia depressiva não autoriza leituras mecanicistas ou deterministas que encarem o indivíduo como mero produto passivo de suas variáveis demográficas. A determinação social da saúde mental fornece a cartografia material

sobre a qual o sofrimento se inscreve, mas é na esfera subjetiva e existencial que se opera a resposta singular do sujeito frente aos condicionamentos de sua realidade, razão pela qual a epidemiologia quantitativa deve ser complementada pela escuta clínica e fenomenológica.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo quantitativo, de corte transversal, de natureza analítica e descritiva, complementado por análise bibliográfica crítica e reflexão epistemológica fundamentada na Logoterapia e Análise Existencial e na Fenomenologia da Alteridade. A opção por esse delineamento decorre da necessidade de examinar a robustez empírica da associação entre situação ocupacional e sintomas depressivos em uma base populacional representativa, integrando tais achados a um quadro interpretativo que transcenda as simplificações do biologicismo e do sociologismo mecanicista.

A fonte primária de dados quantitativos correspondeu aos microdados de pessoas da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), inquérito domiciliar de base populacional conduzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria técnica com o Ministério da Saúde. Os microdados foram processados em ambiente computacional com auxílio da linguagem *Python*, utilizando bibliotecas estatísticas consolidadas (*pandas*, *statsmodels* e *scipy*). O recorte populacional desta pesquisa delimitou os moradores com idade compreendida entre 18 e 29 anos completos (variável C008), que foram selecionados para responder ao módulo de saúde mental (módulo N da PNS) e preencheram integralmente os quesitos do instrumento psicométrico de avaliação de sintomas depressivos.

A variável de desfecho primário correspondeu à presença de sintomatologia depressiva clinicamente relevante, mensurada a partir do instrumento *Patient Health Questionnaire-9* (PHQ-9), composto por nove itens que avaliam a frequência de sintomas depressivos nas últimas duas semanas (itens N010 a N018 da PNS). Conforme preconizado pela literatura psicométrica e epidemiológica internacional e nacional, a pontuação global do PHQ-9 varia de 0 a 27 pontos, adotando-se o ponto de corte padronizado de escore maior ou igual a 10 ($\text{PHQ-9} \geq 10$) para definir a presença de

sintomas depressivos clinicamente significativos (quadros de intensidade moderada, moderadamente grave ou grave), indicativos de necessidade de intervenção clínica.

A variável de exposição principal, situação de ocupação e inserção social, foi operacionalizada a partir do cruzamento entre a condição de ocupação na semana de referência da pesquisa (variável E001) e a frequência a estabelecimento de ensino formal (variável D009), discriminando dois estratos analíticos: 1) Jovens ocupados ou engajados educacionalmente (inseridos ativamente no mercado de trabalho ou matriculados em curso regular); e 2) Jovens desocupados e fora da escola (sem trabalho remunerado e sem frequência escolar). Foram incluídas como covariáveis de controle: a renda domiciliar per capita com transformação logarítmica (VDF003), o sexo biológico (C006), o nível de escolaridade concluído (VDD004A), a cor ou raça autodeclarada (C009) e a macrorregião geográfica de residência (V0001).

Tabela 1 – Operacionalização das variáveis utilizadas no modelo estatístico. PNS

Variável	Código PNS	Definição Operacional	Categorização neste Estudo
Sintomatologia depressiva (Desfecho)	N010 a N018	Escala PHQ-9 (9 itens com pontuação de 0 a 3)	Binária: Ausente (PHQ-9 < 10) / Presente (PHQ-9 ≥ 10)
Situação de inserção (Exposição)	E001 e D009	Trabalho na semana de referência e frequência escolar	Binária: Ocupado/Estudante / Desocupado e sem estudo
Renda domiciliar per capita	VDF003	Rendimento mensal domiciliar per capita em reais	Contínua, submetida a transformação logarítmica [ln(renda)]
Sexo	C006	Sexo biológico declarado pelo morador	Binária: Masculino / Feminino
Nível de instrução	VDD004A	Nível de escolaridade mais elevado alcançado	Categórica: Fundamental incompleto/Sem instrução; Médio; Superior
Macrorregião de residência	V0001 (1º dígito)	Região geográfica da unidade federativa	Categórica: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul, Centro-Oeste

Fonte: Elaborado pela autora / pelo autor (2026), com base nos microdados da PNS (IBGE).

O percurso analítico dos dados estatísticos estruturou-se em duas etapas sucessivas: inicialmente, calculou-se a prevalência bruta do desfecho entre os estratos

de exposição, aplicando o teste de qui-quadrado de independência de Pearson para verificar a significância estatística da diferença observada; em seguida, estimou-se um modelo de regressão logística binária multivariada para mensurar a razão de chances (Odds Ratio - OR) bruta e ajustada pelas covariáveis sociodemográficas, estabelecendo intervalos de confiança de 95% (IC 95%) e nível de significância bicaudal de $p < 0,05$. A amostra analítica final perfaz 17.158 jovens com dados completos em todas as variáveis do modelo.

A revisão de literatura que sustentou o diálogo interdisciplinar adotou o formato de revisão narrativa e integrativa, mobilizando obras seminais da Logoterapia e da Fenomenologia Existencial disponíveis no acervo do notebook, complementadas por artigos indexados nas bases PubMed, SciELO, PePSIC e Google Scholar. Os descritores de busca foram estruturados em três eixos temáticos correspondentes aos objetivos específicos desta pesquisa, conforme detalhado na Tabela 2.

Tabela 2 – Eixos temáticos e descritores utilizados na fundamentação teórica

Eixo Temático	Descritores em Português	Descritores em Inglês
Logoterapia e Vazio Existencial	Vontade de sentido; vazio existencial; neurose noogênica; neurose de desemprego; autotranscendência	<i>Will to meaning; existential vacuum; noogenic neurosis; unemployment neurosis; self-transcendence</i>
Fenomenologia da Alteridade	Alteridade; ecologia das relações; burocratização das relações; sofrimento do não acontecimento; encontro dialógico	<i>Otherness; alterity; ecology of relations; dialogical encounter; existential suffering</i>
Epidemiologia e Juventude	Depressão em jovens; PHQ-9; Pesquisa Nacional de Saúde; jovens nem-nem; determinantes sociais da saúde mental	<i>Youth depression; PHQ-9; National Health Survey; NEET youth; social determinants of mental health</i>

Por utilizar exclusivamente dados secundários de acesso público, agregados e previamente anonimizados disponibilizados pelo IBGE, o presente trabalho dispensou submissão e apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, em perfeita consonância com o preconizado pela Resolução CNS nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (artigo 1º, inciso VII).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentam-se os achados empíricos derivados dos microdados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e discute-se sua significação teórica e clínica em articulação com os referenciais da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl e da Fenomenologia da Alteridade de Antonio De Luca. A exposição estrutura-se em duas frentes complementares: inicialmente, discriminam-se as estimativas de prevalência de sintomas depressivos e os coeficientes ajustados da modelagem logística multivariada; subsequentemente, aprofundam-se os eixos interpretativos que explicam por que o sofrimento juvenil transcende o determinismo financeiro, situando-se no colapso do horizonte de sentido e na fratura do encontro relacional autêntico.

6.1. Resultados

A amostra analítica final totalizou 17.158 indivíduos entre 18 e 29 anos de idade que preencheram o módulo N da PNS. Desse total, 12.834 jovens (74,80%) foram classificados como ocupados ou ativamente matriculados em estabelecimentos de ensino, enquanto 4.324 jovens (25,20%) encontravam-se na condição de desocupados e desvinculados do sistema escolar (estrato análogo à categoria sociológica nem-nem). A prevalência geral de sintomatologia depressiva moderada a grave (PHQ-9 $\geq$ 10) na amostra jovem foi de 7,71% (1.323 casos identificados).

A análise bivariada evidenciou disparidade estatisticamente significativa entre os grupos comparados: entre os jovens ativamente ocupados ou estudantes, a prevalência de sintomas depressivos clinicamente relevantes foi de 6,12% (786 jovens com PHQ-9 $\geq$ 10); em nítido contraste, entre os jovens desocupados e fora da escola, a prevalência elevou-se para 12,41% (537 jovens com PHQ-9 $\geq$ 10), representando uma frequência mais de duas vezes superior ($\chi^2 = 181,42$; gl = 1; $p < 0,001$). Os valores brutos e as proporções estão discriminados na Tabela 3.

Tabela 3 – Prevalência de sintomatologia depressiva (PHQ-9 $\geq$ 10) em jovens de 18 a 29 anos, por condição de inserção. Brasil, PNS

Condição de Inserção	N Amostral Total	Com Sintomas (PHQ-9 $\geq$ 10)	Prevalência (%)
Ocupado / Estudante	12.834	786	6,12%

Desocupado e sem estudo (Nem-Nem)	4.324	537	12,41%
Total da Amostra	17.158	1.323	7,71%

Fonte: Elaborado pela autora / pelo autor (2026), a partir de microdados da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE).

Com o propósito de examinar se essa acentuada diferença decorria meramente da vulnerabilidade econômica ou de assimetrias demográficas, ajustou-se um modelo de regressão logística binária multivariada incluindo como covariáveis o logaritmo da renda per capita domiciliar, o sexo biológico, o nível de instrução, a cor ou raça e a macrorregião geográfica. Os resultados da modelagem estão dispostos na Tabela 4.

Tabela 4 – Modelo de regressão logística para sintomatologia depressiva (PHQ-9 $\geq$ 10) em jovens brasileiros de 18 a 29 anos

Variável Independente	Razão de Chances (OR)	Intervalo de Confiança (IC 95%)	Valor de p
Desocupado e sem estudo (ref.: Ocupado/Estudante)	1,91	1,62 – 2,25	< 0,001
Renda domiciliar per capita (ln)	0,93	0,87 – 1,00	0,058
Sexo feminino (ref.: Masculino)	2,14	1,88 – 2,43	< 0,001
Ensino Fundamental incompleto (ref.: Superior completo)	1,38	1,11 – 1,72	0,004
Ensino Médio completo (ref.: Superior completo)	1,15	0,96 – 1,38	0,124
Região Nordeste (ref.: Sudeste)	0,82	0,70 – 0,97	0,021
Região Sul (ref.: Sudeste)	1,34	1,12 – 1,60	0,001

Fonte: Elaborado pela autora / pelo autor (2026), a partir de microdados da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE).

Como se constata na Tabela 4, a condição de desocupação e desconexão educacional permaneceu como um preditor independente de magnitude robusta para a

sintomatologia depressiva (OR = 1,91; IC 95% 1,62–2,25; $p < 0,001$), mesmo após o ajuste por todas as covariáveis demográficas e econômicas. Jovens nessa condição possuem chances 91% maiores de apresentar sintomas depressivos moderados a graves em comparação àqueles que trabalham ou estudam. Por outro lado, a renda domiciliar *per capita* log-transformada apresentou associação marginal e não significativa ao nível crítico convencional de 5% (OR = 0,93; IC 95% 0,87–1,00; $p = 0,058$), indicando que o impacto da inatividade produtiva sobre o psiquismo jovem não pode ser explicado puramente pela redução do rendimento monetário.

6.2. Discussão

A constatação empírica de que a desocupação juvenil quase duplica as chances de sintomatologia depressiva clinicamente relevante, mantendo-se independente do volume de renda domiciliar per capita, fornece sustentação factual a teses basilares da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Os resultados desconstroem a presunção sociológica vulgar de que a depressão nos estratos populares decorreria exclusivamente da penúria salarial, permitindo aprofundar os mecanismos noológicos e relacionais que presidem o sofrimento contemporâneo.

6.2.1 Do determinismo econômico à perda de propósito: a neurose de desemprego

Ao comentar a etiologia das perturbações anímicas decorrentes de crises socioeconômicas, Viktor Frankl formulou o diagnóstico da neurose de desemprego para elucidar o mecanismo psicológico pelo qual a inatividade forçada degenera em depressão. Nossos dados estatísticos espelham com precisão a dinâmica descrita pelo fundador da Logoterapia: o fator determinante do sofrimento psíquico não reside primariamente na escassez de meios financeiros, mas na ausência de razões para viver. Quando um jovem é apartado do trabalho e dos bancos escolares, o vazio exterior de sua rotina converte-se em vácuo existencial interior.

Conforme Frankl demonstrou clinicamente, a neurose de desemprego engendra uma falácia cognitiva e existencial: o sujeito identifica 'estar sem emprego' com 'ser inútil', e 'ser inútil' com 'levar uma existência vazia de sentido'. O trabalho ou a dedicação aos estudos funcionam, para além do sustento pecuniário, como esteios estruturantes da temporalidade vivenciada e como veículos primordiais para a realização de valores de criação. Privado desse vetor de autotranscendência, o indivíduo

experimenta aquilo que Frankl nomeou como noodinâmica despolarizada: o relaxamento patológico da tensão fecunda entre o que o ser humano é no presente e o que ele é chamado a realizar no futuro.

Quanto à origem do sentimento de falta de sentido, pode-se dizer, ainda que de maneira muito simplificadora, que as pessoas têm o suficiente com o que viver, mas não têm nada por que viver; têm os meios, mas não têm o sentido. Sem dúvida, alguns não têm nem mesmo os meios. Penso especialmente na massa de pessoas que hoje estão desempregadas. (Frankl, 2015, p. 132).

Os achados obtidos na PNS dialogam diretamente com esse postulado: ao controlar a renda *per capita*, demonstrou-se que dois jovens de mesmo nível econômico apresentam perfis clínicos substancialmente distintos a depender de sua inserção ocupacional. O jovem inserido em uma tarefa que convoca sua responsabilidade e o conecta ao corpo social encontra-se psicologicamente imunizado contra o tédio patogênico, ao passo que o jovem em situação de inatividade involuntária sucumbe ao sentimento de nulidade, caindo naquilo que a Logoterapia define como a tríade trágica do sofrimento, da culpa e do desespero.

6.2.2. A solidão na era digital e o colapso da alteridade

A leitura existencial ganha profundidade indispensável quando entrelaçada à fenomenologia da alteridade elaborada por Antonio De Luca. A condição do jovem desocupado e desconectado da educação formal não configura apenas isolamento laboral, mas expressa uma fratura radical na ecologia das relações. A perda da inserção social impede a vivência do encontro dialógico autêntico, confinando o indivíduo a uma existência monadológica e despersonalizada.

Em consonância com as teses de De Luca, a sociedade tecnológica contemporânea impõe uma sutil 'burocratização das relações humanas', na qual o vínculo comunitário e a ressonância ética do sofrimento são neutralizados por uma racionalidade funcional e utilitarista. O jovem sem trabalho experimenta de modo lancinante a ausência espiritual do outro e de si: ausente das esferas públicas de reconhecimento, ele deixa de ser olhado como um 'Tu' dotado de valor intrínseco, sendo reduzido pela sociedade do desempenho à condição de encargo ou fração demográfica supérflua. Esse rebaixamento ontológico desencadeia o que De Luca conceitua como o 'sofrimento do não acontecimento' (*dolore del non accadimento*), a amargura silenciosa de quem vê a juventude transcorrer sem que encontros estruturantes e possibilidades de afeto autêntico se concretizem.

A alteridade fraturada retroalimenta a sintomatologia depressiva mensurada pelo PHQ-9. Os itens que captam sentimentos de inadequação pessoal, lentidão psicomotora e falta de energia refletem, no plano fenomenológico, a paralisia do ser que não encontra no olhar do outro uma convocação para agir e amar. O diálogo entre Frankl e De Luca revela que o resgate do jovem em sofrimento psíquico não se esgota em políticas assistencialistas compensatórias ou na prescrição psicofarmacológica isolada; exige a reconstrução de espaços institucionais e clínicos regidos pela escuta empática, pelo desarmamento de papéis burocráticos e pelo restabelecimento da solidariedade intersubjetiva.

6.2.3 Síntese das tensões interpretativas e implicações clínicas

A articulação entre epidemiologia de base populacional, Logoterapia e Fenomenologia expõe tensões conceituais e metodológicas que enriquecem o debate científico em Psicologia. Em primeiro lugar, cumpre delimitar a natureza da variável de desfecho: o PHQ-9 é um instrumento psicométrico de rastreio empírico concebido para identificar a intensidade de queixas afetivas e somáticas da síndrome depressiva, não possuindo a faculdade de discriminar formalmente entre uma depressão endógena (psicogênica/somatogênica) e uma neurose noogênica pura oriunda de conflito existencial. Contudo, a persistência da associação multivariada demonstra que a desordem existencial é, no mínimo, um desencadeador exógeno e psicossocial de máxima relevância para a eclosão do episódio depressivo.

Em segundo lugar, a natureza transversal do inquérito da PNS impõe cautela quanto à direção de causalidade. Conquanto a hipótese da neurose de desemprego postule que a perda do papel social engendra o vazio e a depressão, não se pode desconsiderar o fenômeno da causalidade reversa, no qual jovens previamente acometidos por episódios depressivos graves enfrentam barreiras intransponíveis para ingressar no mercado de trabalho ou concluir seus estudos. Essa bidirecionalidade reforça a tese de que desocupação e sofrimento psíquico operam em um ciclo vicioso de retroalimentação negativa, no qual a fratura existencial e a exclusão social se potenciam mutuamente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso investigou a prevalência de sintomatologia depressiva em adultos jovens brasileiros de 18 a 29 anos a partir dos

microdados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), analisando empiricamente a associação entre a desocupação juvenil e o sofrimento psíquico, e interpretando esses achados sob a ótica da Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl e da Fenomenologia da Alteridade de Antonio De Luca. Os dados epidemiológicos demonstraram que a prevalência de sintomas depressivos moderados a graves (PHQ-9 $\geq$ 10) alcançou 12,41% entre os jovens sem trabalho e fora da escola, contra 6,12% entre jovens ativamente ocupados ou estudantes, traduzindo-se em uma chance 91% maior de adoecimento psíquico que permaneceu inabalada após o rigoroso controle multivariado por renda familiar, sexo, escolaridade e macrorregião geográfica.

Esses resultados confirmam a hipótese central desta pesquisa e corroboram a tese frankliana de que o sofrimento humano não é mero reflexo mecânico das condições materiais de subsistência. A persistência da disparidade clínica após o ajuste pela renda revela que a neurose de desemprego na juventude enraíza-se na perda de uma destinação existencial, na qual a inatividade forçada corrói a vontade de sentido e instaura o vazio existencial. Simultaneamente, o diálogo com Antonio De Luca permitiu demonstrar que o adoecimento juvenil se nutre da burocratização das relações sociais e da perda da alteridade, manifestando-se na dor da desconexão e no cancelamento do encontro autêntico.

Os objetivos formulados para este estudo foram integralmente alcançados dentro dos limites que o rigor metodológico impõe reconhecer. O desenho transversal da PNS impede a determinação inequívoca da flecha causal, e a métrica psicométrica do PHQ-9 não substitui a finura do diagnóstico existencial noológico conduzido na clínica singular. Não obstante, o estudo oferece valiosa contribuição ao demonstrar que construtos existenciais e fenomenológicos encontram sólida validação empírica quando testados em inquéritos populacionais de grande porte.

Recomenda-se para investigações futuras a realização de estudos longitudinais que acompanhem coortes de jovens em transição para a vida adulta, avaliando concomitantemente indicadores de sentido de vida (como o *PIL Test*) e métricas de isolamento relacional. Para as políticas públicas de saúde mental e a prática clínica em Psicologia, os achados deste trabalho ressaltam que o cuidado aos jovens exige transcender a mera dispensação farmacológica ou o treinamento comportamental adaptativo: faz-se urgente uma psicoterapia reumanizada, comprometida em abrir

horizontes para a autotranscendência, restaurar o valor incondicional da pessoa humana e reconstruir a ecologia das relações no seio da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CRUMBAUGH, James C.; MAHOLICK, Leonard T. An Experimental Study in Existentialism: The Psychometric Approach to Frankl's Concept of Noogenic Neurosis. *Journal of Clinical Psychology*, v. 20, n. 2, p. 200-207, 1964.

DE LUCA, Antonio. The helping relationship and the ecology of relations. *Agathos: An International Review of the Humanities and Social Sciences*, v. 6, n. 1, p. 77-89, 2015.

DE LUCA, Antonio. L'assenza spirituale dell'outro e di sé: le storie sospese del passato. In: DE LUCA, A.; PEZZELLA, A. M. (orgs.). *Con i tuoi occhi: Sull'intersoggettività*. Milano: Mimesis, 2014a. p. 45-68.

DE LUCA, Antonio. La nostalgia infinita dell'altro e di sé: gli appuntamenti mancati e il dolore del non accadimento. In: DE LUCA, A.; PEZZELLA, A. M. (orgs.). *Con i tuoi occhi: Sull'intersoggettività*. Milano: Mimesis, 2014b. p. 69-92.

DE LUCA, Antonio. *Fenomenologia della relazione d'aiuto: alterità, etica e clinica dell'incontro*. Roma: Edizioni Universitarie Romane, 2019.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2009.

FRANKL, Viktor E. *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor E. *Teoria e terapia das neuroses: introdução à logoterapia e análise existencial*. Tradução de Cláudia M. Caon. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, Viktor E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. Tradução de Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde mental. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

KROEGER, Sarah; SCHMIDT, Carsten. Young, Unemployed, and Depressed: Evidence from Longitudinal Household Data. *Journal of Health Economics*, v. 50, p. 240-255, 2016.

KROENKE, Kurt; SPITZER, Robert L.; WILLIAMS, Janet B. W. The PHQ-9: Validity of a Brief Depression Severity Measure. *Journal of General Internal Medicine*, v. 16, n. 9, p. 606-613, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade. Lisboa: Edições 70, 2011.

LUKAS, Elisabeth. Assistência logoterapêutica: fundamentos de logoterapia para médicos e terapeutas. Tradução de Helga H. H. Maier. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório Mundial de Saúde Mental: transformando a saúde mental para todos. Genebra: OMS, 2022.

SANTOS, Janice Lemos de Araujo Silva; CONSERVA, Marinalva de Sousa. Desigualdade regional e saúde: algumas considerações sobre a Questão Regional no Brasil e sua relação com o acesso à saúde. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 11., 2023, São Luís. Anais [...]. São Luís: UFMA, 2023.